

UMA HERANÇA COMUM: EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NA ÁFRICA

Renata Bastos Santos¹

Nosso entrevistado é o jornalista e escritor argelino Slimane Zeghidour, da TV5, que colaborou com os jornais *Le Monde Diplomatique*, *Liberation*, *Panorama*, *Geo*, *El País*, na Espanha, *Panorama*, na Itália, e *O Globo*, no Brasil. Publicou vários artigos sobre a relação franco-argelina e o passado colonial.

Teias: Onde e quando o senhor nasceu?

Zeghidour: Em 1953, na Argélia, na pequena Cabília, nas montanhas.

Teias: O senhor frequentou a escola colonial?

Zeghidour: Sim.

Teias: E o senhor tem alguma lembrança desta escola?

Zeghidour: Sim, tenho boas lembranças desta escola. Eu cresci no que podemos chamar de um campo de agrupamento. Quer dizer, durante a guerra, os camponeses argelinos, que viviam nas montanhas inacessíveis ao exército, que eram pela guerrilha de independência, foram retirados pelo exército francês e transferidos para campos de agrupamento. Eram chamados oficialmente de Campos de Agrupamento. Fomos colocados em barracas, isolados, de modo que a guerrilha não tivesse contato com a população. E foi nesse campo de agrupamento que podíamos ir à escola, senão eu nunca teria ido à escola. Nossos primeiros professores eram os soldados, e depois tivemos professores civis. E no plano educacional, nós estávamos separados, não éramos misturados aos franceses. No primário, nós não éramos misturados. Somente no ensino secundário. Meus primos maiores iam à escola com franceses, mas nós não. Humanamente falando, esses professores eram originais e autênticos, o que podemos chamar de interessados.

Teias: E o que era ensinado na escola? Francês, árabe?

Zeghidour: Ah, somente a língua francesa. A língua árabe era considerada na Argélia Francesa como língua estrangeira, oficialmente como língua estrangeira.

Teias: Mas a população não falava francês, a maior parte falava árabe, não?

Zeghidour: Na minha região falávamos um dialeto árabe-berbere. Em casa, falávamos árabe, mas com muitas palavras francesas. Mas muito dos franceses da Argélia também usavam muitas palavras árabes ao se comunicarem. É como com vocês no Brasil, que incorporaram muitas palavras tupis, africanas, no português do Brasil.

Teias: Todas as línguas sofrem influências de outras culturas próximas.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Zeghidour: Claro, foi o mesmo conosco.

Teias: E o cotidiano da escola, o senhor pode se lembrar?

Zeghidour: Os horários me parecem, eram normais, como na França. Algumas horas pela manhã, depois à tarde...

Teias: Os mesmos da escola na França?

Zeghidour: Sim, como na França. Depois nós nos mudamos para outro campo de agrupamento e nós íamos de manhã e à tarde, e fazíamos 7 km de caminhada de chão de terra pela manhã e pela tarde. Quando chovia ou nevava, nós não podíamos ir; não tínhamos ônibus para nos levar para escola. E nós nos levantávamos bem cedo, ainda durante a noite, para partir, atravessar a floresta, e chegar até a escola. E à noite, também, voltávamos a pé.

Teias: Devia ser muito difícil...

Zeghidour: Sim, 7 km pela manhã e 7 km à noite. Eu contei isso a meus filhos e eles não puderam acreditar.

Teias: E qual era a motivação para tanto?

Zeghidour: Certamente, era a vontade de aprender. Na minha região, os fomos a primeira geração a poder freqüentar a escola. Nenhuma criança de meu vilarejo, de minha região, jamais havia ido à escola, após dezenas de anos da penetração francesa. Então nós fomos os primeiros. Pioneiros.

Teias: E como era a estrutura dessa escola?

Zeghidour: Ah, minha primeira escola foi debaixo da barraca do exército.

Teias: Existiam escolas corânicas próximas à sua região?

Zeghidour: Não. Não era permitido. Só tive escola corânica após a independência. Elas eram proibidas em toda a parte.

Teias: E na escola secundária?

Zeghidour: Eu freqüentei a escola secundária após a independência e lembro-me de que continuávamos a utilizar os livros didáticos franceses, durante um bom tempo.

Teias: Nós havíamos conversado por telefone sobre a escola e lembro-me de que o senhor havia dito que a maior contradição da escola era ensinar uma cidadania que não era consentida...

Zeghidour: Sim, mas me lembro também da gramática. Não havia nenhuma menção política nas aulas. Nós não falávamos da guerra, enquanto que ela estava diante dos nossos olhos. Nada sobre a guerra, nada sobre os conflitos, nada! Era verdadeiramente a neutralidade. Nós íamos para escola para aprender a conjugar os verbos, a ler ...

Teias: E sobre a condição argelina, a cidadania...

Zeghidour: Veja bem, eu não posso dizer que nós tínhamos uma cidadania, sei que quando eu via as cidades onde habitavam os franceses, não as via como um mundo hostil, mas para mim era outro planeta, isto é claro. Espontaneamente eu nos via em duas categorias diferentes. Eu não me sentia detestado, eu me lembro de ter precisado de médico, e ter sido curado, mas nós pertencíamos a outra categoria. E isso era o sistema colonial, contrariamente ao espírito do debate do outro dia.²

Teias: Por sinal um debate muito difícil, em que todos queriam falar ao mesmo tempo...

Zeghidour: A sociedade colonial não é somente a maldade dos indivíduos, os *pied-noirs* continuam a dizer que não eram malvados, mas não é esse o problema. O problema é que eles acabaram considerando a ilegalidade jurídica do argelino como normal. Eles pensavam que somente sendo gentis com as pessoas, não havia o porquê da revolta, estava tudo normal, mesmo se isso se passasse pela não igualdade de direitos, não havia problema para eles. Como se a gentileza tornasse suportável, normal, a não igualdade de direitos. Essa é verdadeiramente a prova de que eles eram alienados.

Teias: O senhor poderia explicar melhor essa alienação?

Zeghidour: Na verdade, a colonização aliena o colonizado, mas também torna bruto o colonizador, em fazendo-o tolerar a não igualdade de direito, em fazendo-o achar normal a subcidadania. Isso prova também que ele tornou-se alienado mesmo face aos seus valores primordiais; da República; da Revolução Francesa, que são a liberdade, igualdade e fraternidade. Quer dizer ainda que o povo francês aceitou viver em um regime inferior aos valores que lhe são caros, dos quais se orgulha. Essa é a maior prova de sua alienação.

Teias: Diante de um documentário sobre a condição dos *pied-noirs* na Guerra da Argélia, não é razoável supor que a Metrópole não tinha conhecimento de que eles eram 1 milhão a precisar deixar a Argélia, todos ao mesmo tempo. E, ao chegarem, não encontraram, a princípio, o apoio que esperavam.

Zeghidour: Sim, ela sabia. Muita gente em Paris sabia dos absurdos do sistema. Sabia que nós não poderíamos tolerar por muito tempo. Que em algum momento as coisas iriam explodir. E o pior é que o *lobby* eleitoral dos colonos em sua maior parte era de esquerda. A colonização francesa é uma obra da esquerda. Essencialmente da esquerda.

Teias: Isto lhe parece contraditório?

Zeghidour: Pode parecer contraditório, mas não o é, porque o universalismo da Revolução Francesa teve o destino de todos os outros universalismos. Todos os universalismos são teoricamente contra o racismo, mas todos brigaram por uma fronteira racial. A Argélia foi a primeira cobaia do universalismo francês, pois ela era um departamento francês. E nesse momento eles disseram “não”, eles não podem ser cidadãos porque são árabes, porque são muçulmanos, porque não são franceses. E, na verdade, esse foi o primeiro fracasso. A Revolução Francesa data de 1793, e podemos observar que em 1830³ ela ainda estabelece seus limites; após 40 anos, ela estabelece seus limites raciais. A igreja e o universalismo cristão tiveram o mesmo problema, se antes diziam que todos os homens eram o espelho de Deus, e que todos seriam salvos se reconhecendo sua fé e Jesus, agora... (silêncio).

Teias: Teria sido a escola um instrumento importante dessa colonização? Fizeram dela um instrumento de dominação, de alienação?

2 Zeghidour faz referência ao debate exibido pela TV5 Monde francesa, em 3 de dezembro de 2007, no programa *Magasin d' Actualité*, com o tema *França-Argélia: as cicatrizes da história, em que assisti e tomei conhecimento da experiência do entrevistado, enquanto aluno da escola colonial francesa. Em um momento de sua fala, ele tenta colocar sua opinião como aluno da escola e é cortado por outro entrevistado.*

3 Ano da tomada de Argel, capital argelina, pela França.

Zeghidour: Não vamos esquecer que somente 3% das crianças argelinas freqüentavam a escola. De fato, não havia o interesse em utilizar a escola como um meio de colonizar, porque eles não queriam fabricar franceses no meio argelino. Eles tinham medo, medo que os argelinos de verdadeiros homens totais. Eles queriam deixá-los em seu universo. O discurso era de divulgar os valores franceses, mas eles faziam exatamente o contrário na prática... O que nós argelinos considerávamos é que existiam valores franceses que não davam direitos, mas sim, privilégios. Os valores para eles não davam direitos, davam privilégios. Por exemplo, se um *pied-noir*, maltês ou espanhol fosse para Argélia como colono, tinha direito, automaticamente, à nacionalidade francesa. Mas os argelinos, nascidos na Argélia, não tinham direito.

Teias: Ao mesmo tempo em que se dizia ser a Argélia um departamento francês...

Zeghidour: Exatamente. Com isso eles violavam os direitos da República que dizia que podíamos ter a cidadania francesa, pelo direito de solo, porque nascidos em território francês. Enquanto um direito e não um valor, ela teria de ser aplicada automaticamente e, no entanto não era, quando se tratava do cidadão argelino. Quer dizer que se houvesse um turista brasileiro que passasse pela Argélia, ele tinha direito à cidadania, mas os argelinos que lá estavam a várias gerações, não tinham direito.

Teias: E o que era verdadeiramente o “termo” *indigène* para vocês?

Zeghidour: Era a aplicação, a nomeação dada a todo Argelino que não tinha a nacionalidade francesa. Os judeus da Argélia também foram considerados *indigènes* até 1870, quando foram considerados franceses automaticamente, por uma decisão do governo.

Teias: Mas, além disso, a nomeação trazia uma carga negativa...

Zeghidour: Mas claro, era um estatuto jurídico inferior. E não é um estatuto específico, é um estatuto inferior. Veja bem, em um estado democrático, no mesmo território, se dois direitos são diferentes, isto quer dizer que eles são desiguais. Não existem direitos diferentes e iguais. A palavra é sinônimo de desigualdade e de estado de não-direito.

Teias: Voltando um pouco à escola colonial, gostaria de pensar com o senhor sobre uma reflexão presente no livro intitulado *L’Immigration Algérienne en France*, citando Gustave Le Bon, em 1891, sobre o medo dos colonos em educar os cidadãos franceses. Nessa reflexão ele diz que “a divisa – *a Índia pertence aos Indianos!* – é hoje a palavra de ordem de todo nativo que passou pela educação inglesa”. E que o grito – *a Argélia pertence aos árabes!* – seria logo a divisa de todo argelino que fosse educado pela escola colonial francesa. O senhor concordaria? E qual seria a relação da escola com a Guerra de 1954 a 1962?

Zeghidour: Claro. Uma escola que ensina valores que só são aplicados aos privilegiados, uma escola que ensina o conceito de cidadania, mas não permite exercê-la, só poderia terminar como terminou. Vale lembrar também que foi na Cabília que eles criaram o maior número de escolas. Essa escola foi criada pelos *Peres-Blanc*, uma ordem católica criada especialmente para Argélia. Imagine, ao mesmo tempo em que estávamos em um estado laico, eles queriam cristianizar, “francilizar”, e colonizar. Isso mostra que a Argélia era um território de não-direito. Quer dizer que era um departamento francês, onde os direitos republicanos só eram aplicados a uma parte da população. Os *pied-noirs* eram na proporção de um para dez argelinos. Isso quer dizer que nove entre dez pessoas viviam

a condição de desigualdade, de não-direito. Se fosse um para cada dez já seria um escândalo, imagina então nove a cada dez vivendo sem direitos, que absurdo! Na época, as leis eram desiguais e você deve saber isso, nas eleições havia dois colégios parlamentares, com a mesma quantidade de deputados. O primeiro colégio representava os *pied-noirs* e elegia os deputados franceses europeus cristãos e os milhões de argelinos elegiam, no segundo colégio, o mesmo número de deputados que os europeus. E claro, nessa “democracia republicana”, eles não tinham os mesmos poderes. Havia três tipos de comunidades eleitorais: a comunidade europeia de pleno exercício, a comunidade mista, onde certo número de árabes podia votar e ser eleito conselheiro municipal, e a terceira comunidade, dos *indigènes*. Era um sistema alienante, terrivelmente alienante. Contudo, o problema não está em civilizar ou não civilizar. Para mim, agora, com a minha idade, após viajar, refletir, o problema essencial, digo essencial sem excluir os outros, não é a violência, mas sim a alienação. E ela é hereditária, porque perpassa várias gerações, duas, três gerações das duas partes envolvidas: tanto argelina quanto francesa. Veja bem, no Brasil a condição negra, de fato não existe mais escravidão, mas o olhar do branco, a estrutura mental do branco, com relação à estrutura mental do negro, tem os mesmos medos, a mesma alienação. É isso a alienação, e ela perdura. Não existem mais fazendas, não existem mais negros nas plantações, não existem mais palmares, quilombos, *mas existe dentro da cabeça a alienação*. Para mim o melhor livro a respeito é do grande poeta martinicano, Aimé Césaire, *Discours sur le colonialisme*, de 1955. Não é um discurso militante, de estilo branco, que diz que foi um horror, pavorosa, não. É um discurso sobre a relação colonial e de como a colonização humilha o colonizado e desumaniza o colonizador. E Césaire chega a essa conclusão definindo o nazismo, dizendo que o nazismo é o colonialismo europeu que retorna à sua casa. A causa está em quatro séculos de colonialismo, os europeus se habituaram à desigualdade de direito para negros, indianos, orientais, muçulmanos, escravos... Porque durante quatro e cinco séculos eles acharam normal colocar ferros nos pés dos escravos, fazê-los trabalhar como animais. Havia uma tolerância consciente por parte dos europeus. E porque os europeus consideram o Holocausto como um dos mais terríveis de nossa história? É porque, pela primeira vez, os europeus brancos aplicaram sobre europeus brancos, no território europeu, os mesmos métodos que antes só eram aceitos, aplicados, no estrangeiro, e aos negros. “Como podemos fazer isso a nós mesmos?” É esse o horror!